

A IDEIA DE CULTURA

THE IDEA OF CULTURE

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. 2.ed. Tradução de Sandra Castello Branco. São Paulo: EdUNESP, 2011.

Michel CORREIA¹

RESUMO: Esta resenha traz reflexões em uma perspectiva mais filosófica acerca da forma, das exemplificações e das explicações de Terry Eagleton sobre os diversos entendimentos que a concepção de cultura engloba, bem como as implicações sociais decorrentes dessas visões. Ademais, analisa a estrutura e o conteúdo do livro em uma ótica que prioriza o pensamento e, conseqüentemente, o debate crítico dos argumentos e apontamentos elencados pelo autor nos cinco capítulos de seu livro. Por fim, a resenha traz um panorama da obra, recomendando e traçando os públicos para os quais a temática abordada na obra literária pode ser mais interessante.

PALAVRAS-CHAVE: cultura; concepções; implicações sociais.

ABSTRACT: In this review we provide reflections following a philosophical perspective on the form, examples and explanations of Terry Eagleton on the various interpretations that the concept of culture covers, as well as the social implications derived from these views. In addition, we analyze the structure and content of the book from a perspective that prioritizes the thought and, consequently, the critical discussion of the arguments and notes listed by the author throughout its five chapters. Finally, we overview the work, recommending and mapping the audiences for whom the theme addressed in the book may be more interesting.

KEYWORDS: culture; conceptions; social implications.

Filósofo, professor e crítico literário britânico, Terry Eagleton é titular da cadeira John Edward Taylor de Filologia Inglesa na Universidade de Manchester e membro da Academia Britânica. Discípulo de Raymond Williams, iniciou seus

¹ Acadêmico do Curso de Licenciatura em Letras-Ingês, na Universidade Estadual do Piauí, Parnaíba, Piauí, Brasil. E-mail: michel.mcorreia@gmail.com. Orientadora: Profa. Dra. Renata Cristina da Cunha.

A IDEIA DE CULTURA

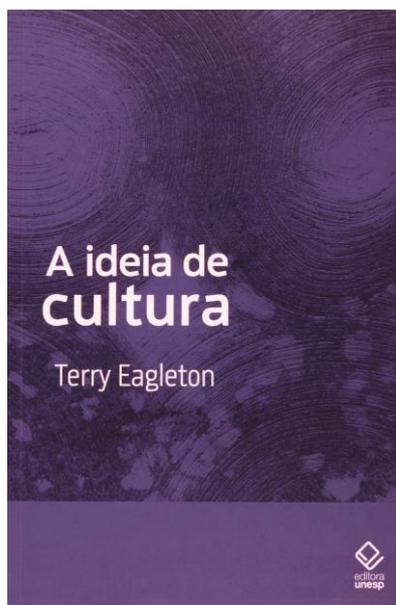
estudos culturais, com uma abordagem marxista, analisando a produção literária dos séculos XIX e XX. Além disso, é considerado um dos pais da *Cultural Studies* - escola que emergiu na Inglaterra, nos anos de 1950, tendo como referência a transposição das coordenadas estéticas e éticas associadas à crítica literária para a prática das culturas populares.

A ideia de cultura traz em seu título uma alusão ao modo como podemos compreender o termo cultura, o que vem à mente ao nos depararmos com a palavra, proporcionando reflexões acerca da complexidade de conceituá-la e das suas aplicações práticas. Seguindo esse ponto de vista, o título possibilita que tenhamos nuances das intenções de Eagleton ao explorar a amplitude da temática, fazendo com que o leitor se questione a respeito dos significados que podem ser atribuídos a esse vocábulo.

Alinhada a essa inferência, a capa do livro², como mostra a Figura 1, traz uma ilustração com traços arredondados que, à primeira vista, remetem ao movimento decorrente da queda de projéteis em um espelho d'água, possibilitando a associação dos movimentos nessa superfície à forma como percebemos nossa realidade. Já as manchas, dispostas aleatoriamente, podem ser encaradas como os elementos culturais que vão transformando gradativamente a maneira como vemos o mundo, que não apenas se sedimentam ao longo da história, mas se acumulam, fazendo com que haja uma constante renovação da compreensão do meio em que vivemos.

Figura 1 - Capa da segunda edição do livro *A ideia de cultura*

² Imagem da capa retirada do banco de dados do Google.



Fonte: Eagleton (2011)

O conteúdo do livro está organizado em cinco capítulos enumerados, trazendo em cada título enfoques distintos que, ao serem vislumbrados de acordo com a ordem do sumário (FIG. 02)³, proporcionam a noção de que a cultura é um conceito abrangente que se apresenta de modo plural na sociedade, com variações que geram discussões e conflitos em busca de um consenso. Esse pensamento permite indagações sobre a profundidade ou superficialidade com que idealizamos a cultura, o que incentiva a curiosidade pela investigação do conteúdo da obra. A estrutura também conta com um índice remissivo em que podemos conferir uma lista de termos relevantes para a leitura, contendo as páginas em que são abordados cada tópico, o que facilita a pesquisa para aqueles interessados em se aventurar pelos estudos culturais.

Figura 2 - Sumário da segunda edição do livro *A ideia de Cultura*

³ Imagem do sumário retirada do banco de dados do Google Livros.

1	Versões de cultura	9
2	Cultura em crise	51
3	Guerras culturais	79
4	Cultura e natureza	127
5	Rumo a uma cultura comum	159
	Índice remissivo	185

Fonte: Eagleton (2011)

No primeiro capítulo, *Versões de cultura*, Eagleton inicia a obra trazendo aspectos etimológicos da palavra cultura, mostrando a diversidade de seus enfoques ao trazer exemplos como sua relação direta com o trabalho e a natureza. Ao adentrar em questões filosóficas como liberdade e determinismo, bem como nas implicações das alterações do meio na condição humana, ele mostra que a transformação da cultura e da natureza são um ciclo de constante renovação. Na sequência, nos posiciona como seres que realizam um processo de *self-molding*, ou seja, no refinamento de uma matéria prima cultural presente em nossa essência, reunindo ação e passividade.

Essa perspectiva se liga à relação estreita entre o próprio corpo e o meio cultural que o cerca, evidenciado pelo filósofo francês Merleau-Ponty (2018, p. 203) ao afirmar que:

O corpo é o nosso meio geral de ter um mundo. Ora ele se limita aos gestos necessários à conservação da vida e, correlativamente, põe em torno de nós um mundo biológico; ora, brincando com seus primeiros gestos e passando de seu sentido próprio a um sentido figurado, ele manifesta através deles um novo núcleo de significado: é o caso dos hábitos motores como a dança. Ora enfim a significação visada não pode ser alcançada pelos meios naturais do corpo; é preciso então que ele se construa um instrumento, e ele projeta em torno de si um mundo cultural (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 203)

Ao fazermos uma relação dessa perspectiva com as palavras de Eagleton, podemos refletir sobre até que ponto nossas ações são projetadas, oriundas de

CORREIA, M.

convenções condicionadas pelo ambiente em que vivemos e por aquilo que consumimos. Assim, Eagleton permite que o produto do trabalho humano possa ser posto em evidência quanto a seu potencial de espontaneidade, o que possibilita o levantamento de indagações como: É possível rompermos com os fatores que determinam nossas ações e comportamentos? Há produção livre da influência de aspectos culturais, quaisquer que sejam, preservando um caráter puramente orgânico?

O ímpeto por respostas palpáveis para esses questionamentos guia o prosseguimento da leitura, agora versando sobre como os desdobramentos históricos do conceito repercutiram em seu valor semântico. O autor leva a discussão para as implicações culturais na sociedade civil, averiguando o papel do Estado, a contraposição entre as noções francesa e germânica, o conflito político com os sentidos de cultura como crítica utópica, modo de vida e criação artística. Além disso, discorre sobre a recusa do partidarismo e conduz o leitor a enfoques marxistas da cultura para, por fim, apresentar uma versão moderna que consiste em uma alienação social relacionada ao materialismo.

Nesse ponto, entendemos o motivo do livro ser dedicado a Edward Said, pois, apesar de ocorrer de forma breve, deixando os leitores que apreciam os estudos pós-coloniais sedentos por maiores aprofundamentos, são apresentadas perspectivas de cultura que se relacionam com a visão de superioridade do colonizador, amplamente trabalhada nas obras de Said, o que nos mostra como a categorização da cultura pode ser utilizada como instrumento de imposição ideológica e, porventura, opressão. O levantamento desses pontos de vista é oportuno, pois evidencia como o pensamento, hábitos e ações de uma pessoa dentro de um grupo social, embora possam apresentar heterogeneidade em um grau considerável, podem ser frutos de alienação e encadear problemáticas como segregação social, discriminação e injustiça para com grupos minoritários.

Cultura em crise, segundo capítulo do livro, ressalta a posição conflitante do conceito de cultura que reside na amplitude entre polos de consideração social opostos de rigidez e flexibilidade, se debruçando sobre significantes e significados provenientes de autores como Raymond Williams e Herder. Ao passo que tece comentários sobre a criação e a maneira como se encaram as diferentes identidades culturais, Eagleton aponta os vínculos entre cultura e poder,

sobretudo político, além disso, versa sobre as diferenças entre as condições da alta cultura e a cultura como identidade.

Embora tenha ilustrado seu ponto de vista com analogias que proporcionam uma boa assimilação da temática discutida, como o exemplo da forma com que o conhecimento acerca de alienígenas é encarado por determinados governos, Eagleton se contradiz, o que pode gerar certa confusão no leitor, ao afirmar que a cultura ocidental fracassa ao imaginar outras culturas. Isso porque ele afirma que:

Quaisquer que sejam esses erros empáticos, é verdade que a cultura ocidental fracassa lamentavelmente quando se trata de imaginar outras culturas. Em nenhum lugar isso é mais óbvio do que no fenômeno dos alienígenas. O que é realmente sinistro a respeito dos alienígenas é justamente quão não alienígenas eles são. Eles constituem um testemunho melancólico da nossa inabilidade em conceber formas de vida radicalmente diferentes da nossa própria (Eagleton, 2011, p. 75).

Ao ressaltar essa perspectiva, o autor generaliza uma inabilidade de conceber formas de vida diferentes, evidenciando a sua própria percepção de outras culturas diante da sua condição de imersão na cultura ocidental. Nesse sentido, estaria ele fazendo uma autocrítica para ressaltar ideais típicos do multiculturalismo como meio de vencer essa deficiência?

Ademais, o autor permite que o leitor tome partido da visão de cultura como modo de vida ao apontar a alta cultura como uma arma ideológica menos significativa que a educação e a sexualidade, as quais se configuram como elementos inerentes da formação de um indivíduo. Com isso, deixa transparecer que as manifestações decorrentes dos aspectos intrínsecos de uma identidade cultural representam um mecanismo mais efetivo para se conhecer um grupo social e, conseqüentemente, governá-lo, do que a superficialidade de analisar comportamentos relacionados ao voto e pretensões sociais em gráficos e tabelas.

No terceiro capítulo, *Guerras culturais*, Eagleton eleva a crise conceitual abordada na seção anterior a uma disputa entre diferentes grupos com foco na supremacia de interesses sociopolíticos. O pesquisador aponta que essas guerras culturais derivam de uma desagregação, em que há um desvio do consenso de princípios e juízos que regem o âmbito social contemporâneo. Dessa maneira, o

CORREIA, M.

capítulo delimita a cultura a um campo de batalha pelo poder, em que os embates com enfoque em aspectos culturais como civilidade, identidade e pós-modernismo, são decorrentes da fragmentação da sociedade em grupos com interesses divergentes.

Quando indica o princípio unificador do Estado como ponto de convergência para o desempenho exclusivo de todo potencial de uma determinada “cultura nacional ou étnica”, o autor parece restringir os detentores de tais aspectos a uma condição de escolha partidária. Dessa maneira, ele não considera a autonomia das manifestações culturais que historicamente persistem em se desenvolver na contramão de normativas e consensos estatais em diversos lugares do mundo, se materializando por meio da propriedade da cultura, os quais se configuram como forma de resistência. Isso ocorre quando ele salienta que:

O Estado-nação não celebra inteiramente sem reservas a ideia de cultura. Ao contrário, qualquer cultura particular nacional ou étnica realizará seu potencial somente por meio do princípio unificador do Estado, e não pela sua própria força. As culturas são intrinsecamente incompletas, e precisam da complementação do Estado para se tornarem verdadeiramente elas mesmas (Eagleton, 2011, p. 90).

Como podemos inferir desse trecho, ao afirmar que as culturas necessitam do Estado para se completarem, o autor aparenta subestimar a capacidade de um aspecto cultural nas condições supracitadas de ganhar força por meio de apelo ideológico, principalmente com a facilidade de acesso à informação hodierna, exercendo assim forte pressão junto ao Estado. Tal desconsideração do potencial dos meios digitais de propagação cultural por parte do autor pode ser entendida quando tomamos conhecimento de que a primeira publicação da obra ocorreu em 2000, evidenciando a demanda por uma edição que abranja essas discussões contemporâneas.

Nesse sentido, o autor também não explicita de forma tangível que a utilização da cultura como ferramenta política para promoção de interesses específicos, quando desconsidera a harmonia coletiva ou deprecia identidades culturais minoritárias, pode torná-la um meio de opressão, concedendo um teor autoritarista ao poder político. Apesar disso, a leitura do capítulo proporciona

ponderações relevantes sobre a disposição do poder quando relacionado a elementos culturais.

Cultura e natureza, quarto capítulo, apresenta perspectivas culturalistas e naturalistas com intuito de compreender se somos seres culturais ou essencialmente naturais. Além disso, o capítulo problematiza relativizações e averigua concepções de nomes como Marx, Nietzsche, Freud e Timpanaro, ao passo que se emaranha em parâmetros inerentes da cultura estadunidense e analisa a peça *Rei Lear* de Shakespeare, para explicar o contraste entre enfoques pragmatistas e coerentistas, posicionando o leitor em um estado de compreensão entre a natureza e a cultura.

Nessa seção, o autor apresenta respostas para as indagações sobre determinismo e liberdade do produto do intelecto humano elencadas no primeiro capítulo. Por sustentar a característica dos animais irracionais de “não levar a sério seus contextos determinantes” em contraste com a imersão em “meio simbólico” que rege o corpo material e conseqüentemente a vida humana, Eagleton deixa transparecer que, enquanto seres culturais, permanecemos em um estado análogo ao de reféns em um tipo de assalto cujo assaltante seria a cultura que, ao nos manipular despreziosamente, leva consigo a nossa capacidade de escolha, a nossa liberdade.

Além disso, ao definir a morte como limite do discurso, Eagleton demarca o que pode ser o ponto final da (re)produção cultural, destacando que a natureza inerente ao fato de morrer, independe de qualquer sentido que possa ser-lhe atribuído.

Culturalmente falando, a morte é quase ilimitadamente interpretável: como martírio, sacrifício ritual, alívio abençoado da agonia, libertação feliz de um longo sofrimento para um parente, fim natural biológico, união com o cosmos, símbolo da futilidade definitiva etc. Mas o fato é que ainda morremos, não importa que sentido damos a isso. A morte é o limite do discurso, não um produto dele (Eagleton, 2011, p. 128).

Desse modo, o autor revela os modismos relacionados a qualquer produto do corpo humano – seja a preocupação com a estética do corpo ou com os hábitos advindos de ideologias particulares de um grupo cultural - como efêmeros, com

CORREIA, M.

relevância restrita à nossa sensibilidade existencial. Esse posicionamento dialoga fluidamente com sua alegação fundamentada no preceito freudiano de pulsão de morte, em que a cultura é impulsionada pela iminência do fim da vida.

Por fim, no quinto e último capítulo do livro, *Rumo a uma cultura comum*, o autor enfatiza a visão de que a cultura não é apenas aquilo que percebemos ao nosso redor, aquilo que, de certo modo, rege nossa forma de vida; ela tem sim um propósito maior, definindo aspectos que motivam o nosso viver. Além disso, Eagleton salienta que a compreensão da função política que a cultura adquiriu, e que desempenha desde então, é primordial para que possamos entender o cenário materialista que impera em nosso tempo e as problemáticas decorrentes disso.

Eagleton, outrossim, demonstra certa ambiguidade ao tratar de determinados aspectos decorrentes da sociedade hodierna que, seguindo as perspectivas delineadas por ele mesmo, podem ser caracterizadas como consequências práticas da própria cultura. Isso fica perceptível ao indicar que:

Os problemas básicos com que nos defrontamos no novo milênio - guerra, fome, pobreza, doenças, endividamento, drogas, poluição ambiental, o desenraizamento de povos - não são em absoluto especialmente “culturais”. Eles não são basicamente uma questão de valores, simbolismo, linguagem, tradição, pertinência ou identidade, e muito menos uma questão das artes. Os teóricos culturais como teóricos culturais têm muito pouco para contribuir para a sua resolução (Eagleton, 2011, p. 183).

Em vista disso, ao isentar os estudiosos da cultura de contribuições que podem ser significativas para ajudar a combater os problemas fundamentais enfrentados atualmente, o autor negligencia o valor do debate crítico proporcionado pela disseminação desses estudos para a conscientização de práticas oriundas de tais adversidades.

Retomando diferentes enfoques da cultura, antropológico, civilidade, solidariedade, entre outros, e encaminhando o leitor para a compreensão das implicações dessas visões no contexto social, Eagleton põe em questão o denominador comum a cada uma delas, a vida humana em sociedade. Com isso, permite a abstração de que o fato de considerarmos uma ou outra concepção como certa ou errada, não muda as transformações ocasionadas pela

A IDEIA DE CULTURA

multiplicidade de culturas fechadas em que os ideais nocivos se disseminam, fazendo com que o olhar para a cultura do outro como inferior seja evidenciado como uma prática danosa, contrariando o desenvolvimento harmonioso e sensível de nossa sociedade.

Em síntese, embora a retomada constante de conceitos e o teor filosófico do conteúdo possa dificultar a compreensão daqueles que estão iniciando seus estudos na área, o livro oferece uma carga teórica de considerável importância para ampliação do entendimento do assunto, apontando críticas e provocando reflexões válidas acerca do papel da cultura na vida humana. Assim, é uma leitura indicada para quem tem interesse pela temática, principalmente acadêmicos/as e pesquisadores/as das Ciências Humanas em geral, em especial àqueles/as de áreas como a Sociologia, a Antropologia, a Linguística Aplicada, a Literatura, a Teoria e a Crítica Literária.

Como citar esta resenha?

CORREIA, M. A ideia de cultura. Mosaico, São José do Rio Preto, v. 22, n. 01, p. 333-342, 2023.

Referências

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 2018.